

Presença de Marcial em *Os Dias Inventados* de Luís Filipe Castro Mendes

ISABEL GRAÇA

Universidade de Aveiro — Praxis XXI

Introdução

Tomar por objecto de estudo a presença de um autor latino na produção literária de um poeta português contemporâneo, como é o caso de Castro Mendes, serve, antes de mais, de pretexto para se considerar as diferentes razões que condicionam a perdurabilidade de um autor da Antiguidade Clássica na literatura dos nossos dias.

A evidência de marcas de actualidade, num quadro de contínua renovação estética, e o reconhecimento generalizado de um particular talento são os motivos geralmente apontados para a não obliteração de um autor e respectiva obra¹.

À semelhança de diversos nomes da literatura clássica que lograram fugir às trevas do esquecimento, a obra epigramática de Marcial influenciou decisivamente alguns autores portugueses consagrados. Em pleno Renascimento, Francisco Sá de Miranda, insigne poeta humanista, recria, em diversos sonetos, o tema da *breuitas*, patenteado em diversos epigramas do poeta de Bilibis². Já no período do pré-romantismo português, o nome de

¹ Cf. Vicente Cristóbal, “Marcial en la literatura española”: *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de Bilibis y de Roma* (Catalayud, mayo 1986) (Zaragoza) I 149. Nesta matéria, partilhamos inteiramente das considerações avançadas pelo investigador espanhol: “La pervivencia de un autor durante siglos es índice de una pluralidad de valores propios, que le hacen mantenerse actual a pesar de la estética cambiante; o por el contrario, es signo de que posee alguna virtud, por más que sea la única, de universal o de general alcance.”.

² Cf. Mart. *Ep.* 2.1; 8.29; 9.50; 10.1; 10.59; 12.4. Relativamente a este tópico literático, não queremos deixar de salientar a influência directa de Garcilaso na poesia de Sá

Marcial viu-se perpetuado, entre nós, sobretudo pela pena Bocage, cujos epigramas se vieram a revelar terreno fértil ao espraiar da veia sarcástica, burlesca, obscena ou simplesmente satírica do próprio poeta.

Destes mesmos atributos partilhava o temperamento de Marcial, que, ao chegar a Roma no ano 64 d. C., ano do incêndio de Nero, se viu confrontado com um espaço social multifacetado, onde as maiores grandezas conviviam lado a lado com as maiores misérias, facto que se revelou extremamente propício e estimulante, no que respeita à sua actividade literária como epigramista.

Vinte séculos passados, um poeta luso reconhece como plenas de actualidade diversas situações censuráveis da Roma de outros tempos. A valoração do trabalho poético do bilbitano e a consciência do seu grande contributo para o conhecimento dos homens sujeitos à pressão do todo social reflectem-se, como teremos oportunidade de ver, na poesia de Castro Mendes.

Está dado o mote para o trabalho que nos propomos realizar: caracterizar brevemente o poeta luso Luís Filipe Castro Mendes, bem como a sua produção literária; analisar os principais aspectos onde a influência do poeta de BÍlbilis se revela mais marcante; por último, não sem algum arrojo, justificar a *Homenagem* que lhe rende, no seu livro de poesia *Os Dias Inventados*.

1. Castro Mendes: aspectos biobibliográficos

Nascido em 1950, em Idanha-a-Nova, formou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, em 1974, tendo optado pela carreira diplomática, logo no ano seguinte. Luanda, Madrid, Paris e Rio de Janeiro contam-se entre as capitais onde prestou serviço³.

No que concerne à sua actividade literária, o autor divide-se entre a poesia e a ficção. Com apenas duas obras publicadas em prosa — *Areias Escuras* (1984) e *Correspondência Secreta* (1995), pela qual viu ser atribuído o Prémio D. Dinis pela Fundação Casa de Mateus —, o rol de publicações na

de Miranda. Para mais informação, veja-se *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de BÍlbilis y de Roma* (Catalayud, mayo 1986) (Zaragoza) I 155.

³ Os dados de natureza biobibliográfica por nós apresentados tiveram por base as seguintes fontes documentais: Álvaro Manuel Machado, “Mendes, Luís Filipe de Castro”: *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Direcção e Organização de Álvaro Manuel Machado (1996) 311; www.instituto-camoes.pt/cvc/poemasemana/16/silencio2.html; www.rdp.pt/antena1/esquina/luís-filipe-castro-mendes.html; www.livroraro.com/B20/b20pt12.htm.

área da poesia é significativamente mais vasto. Com efeito, estreou-se em 1983, com uma colectânea de poemas intitulada *Recados*, obra indelevelmente marcada pelo tratamento de formas poéticas tradicionais como o soneto. A intertextualidade, com referências a Emily Dickinson, Rilke, Nietzsche e Rimbaud, entre outros, está também presente. Ainda no domínio da poesia, publica, posteriormente, *Seis Elegias e Outros Poemas* (1985), obra galardoada com o Prémio da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, *A Ilha dos Mortos* (1991), livro que lhe confirma o mérito e com o qual arrecadou o Pen Clube Prize, *Viagem de Inverno* (1993), *O Jogo de Fazer Versos* (1994), *Modos de Música* (1996), *Outras Canções* (1998), *Poesia Reunida (1985-1999)* (1999) e, finalmente, *Os Dias Inventados* (2001).

No âmbito da sua produção poética, Luís Filipe Castro Mendes tem vindo a reactualizar a vertente tradicional do lirismo português, tanto do ponto de vista formal como temático. Cultiva os géneros elegíaco e epigramático, da mesma forma que se entrega à rigidez do verso clássico, obrigatório na estrutura fixa dos sonetos. Em termos de abordagem temática, elege, sobretudo, *tópoi* de natureza clássica, ligados ao amor, à passagem do tempo e à efemeridade da vida. São estes alguns reflexos de uma formação clássica, lembrada pelo próprio poeta:

*Não falarei de dores mais antigas,
separações que nos roubavam ar
no tempo das suaves raparigas
que nos traziam fogo só de andar*

*à nossa beira pelos intervalos
das aulas de alemão e de latim.
Nossos sentidos vão, como domá-los?
Que deus de crueldade as fez assim?*

*Sinistros corredores do liceu,
fostes também secretas primaveras
e promessas mais vivas do que o céu.*

*Não falarei de dores mais antigas:
que ficou só o rasto das quimeras,
lembrança de suaves raparigas.*

2. *Os Dias Inventados*⁴ e a “Homenagem a Marcial”

Dividido em quatro partes e uma “Finda”, o supracitado livro de Castro Mendes representa, de alguma forma, um avanço relativamente a toda a sua obra anterior. De facto, não podemos deixar de notar alguma progressão, sobretudo se considerarmos a parte do livro que antecede a “Finda”, precisamente aquela que o autor intitula “Homenagem a Marcial”.

Começa por transcrever o epigrama 1.40, na versão latina (*Qui ducis et non legis ista libenter / omnibus inuideas, liuide, nemo tibi.*), apresentando seguidamente a tradução de José Dejalma Dezzoti:

*Você que franze os sobrolhos
e não me lê de bom grado
que morra sempre de inveja
sem nunca ser invejado.*

A opção pelo anterior epigrama, para já não referir a opção pelo próprio género epigramático, deixa antever a veia irónico-satírica do poeta, apostado na observação atenta da realidade social envolvente, conjugada com uma atitude serena, lúcida e, ao mesmo tempo, capaz. Pinto do Amaral, na sua recensão crítica do livro, revela uma percepção clara dos vários aspectos que considera inovadores: de facto, o livro segue «por um caminho até agora pouco frequente neste autor: refiro-me especificamente à última sequência (“Homenagem a Marcial”), cujos poemas reflectem, na sua brevidade e concisão — à maneira dos “Epigramas” de Marcial —, um olhar subtilmente irónico, ora mais satírico, ora sereno e resignado, mas sempre lícido e capaz de iluminar um painel de figuras e situações da Roma imperial, nas quais podemos detectar sem demasiado esforço algum paralelismo com a nossa época.»⁵.

3. Epigramas

Em entrevista concedida à jornalista Cecília Meireles do prestigiado jornal brasileiro *O Globo*, quando sujeito à questão “Sua poesia evolui em direcção às formas fixas, não?”, Castro Mendes declara, entre outras afirmações, ter retomado “as formas canónicas, como a terza rima, a sextina, o

⁴ Para todos os interessados, deixamos registada a indicação bibliográfica: Luís Filipe Castro Mendes, *Os Dias Inventados*, Lisboa, Editorial Gótica, 2001.

⁵ Fernando Pinto do Amaral, “Para lá da memória”: *Público* (26 Janeiro 2002) 9.

soneto inglês, os epigramas”, sublinhando o facto de manter “um compromisso com o rigor e com a história do poema, daí os versos intertextuais.”. Diz ainda o poeta: “A forma fixa para mim faz parte do jogo.”⁶.

Não se pense, porém, que se compraz simplesmente no acto lúdico de construir “poesia em miniatura”⁷. Como teremos oportunidade de demonstrar, o poeta revela uma assimilação profunda da estrutura funcional dos epigramas do bilbitano⁸.

Tomaremos, sobretudo, em consideração alguns aspectos atinentes à arquitectura dos seus epigramas onde se evidencia uma particular similitude com os *Epigramas* de Marcial.

Na designada “Homenagem a Marcial”, regista-se um total de vinte e duas composições, dedicadas cada uma delas a um só assunto, tal como preconiza a norma. A concisão é outro dos aspectos observados: com efeito, o número de versos por composição é variável, mas não excessivo, em obediência ao preceito de *breuitas*.

Castro Mendes partilha ainda com Marcial a atitude de, tanto quanto possível, estabelecer um clima de cumplicidade com o leitor. Por essa razão, numa percentagem superior a 50% da totalidade dos epigramas constantes da “Homenagem a Marcial”, encontramos uma referência expressa a um destinatário, cujo nome por que é designado assume claras ressonâncias

⁶ Vide <http://www.secrel.com.br/jpoesia/lfcmenes.html>.

⁷ Expressão utilizada por Butler para se referir aos epigramas constantes da Antologia Grega.

⁸ Como se poderá facilmente observar em qualquer História da Literatura Latina, a valorização da obra de Marcial obriga sempre a um repasse pela história do epigrama. No século passado, vários foram os estudiosos que se debruçaram sobre o assunto. Estefania Álvarez, no seu artigo “Marcial: el poeta y su obra”, inserto nas *Actas del simposio sobre Marco Valerio Marcial, poeta de Bilbilis y de Roma* (Catalayud, mayo 1986), II, 379-395, destaca os principais marcos da sua evolução, apoiada, sobretudo, no trabalho desenvolvido pelos seguintes investigadores: G. Giangrande, “Epigramma helenistico. Introduzione allo studio della Cultura Classica I (Letteratura)” (Milano 1972); H. Poeschel, *Typen aus der Anthologia Palatina und den Epigrammen Martials* (München 1905); E. Pertsch, *De Valerio Martiale Craecorum poetarum imitatore* (Berlín 1911); K. Prinz, *Martial und die griechische Epigrammatik* (Wien-Leipzig 1911); J. Brecht, “Motiv und Typengeschichte des griechischen Spottepigramms”, *Philologus*, Supplementband 22, Heft 2 (Leipzig 1930); O. Autore, *Marziale e l'Epigramma greco* (Palermo 1937); P. Laurens, “Martial et l'épigramme grecque du 1^{er} siècle ap. J. C.”: *REL* 43 (1965); E. Siedschlag, *Zur Form von Martials Epigrammen* (Berlín 1977); W. Burnikel, “Untersuchungen zur Struktur des Witzeepigramms bei Lukilios und Martial”: *Palingenesia* XV, Wiesbaden, Steiner (1980); C. Salemmme, *Marziale e la poetica degli oggetti* (Napoli 1976); H. Szelest, “Vt faciam breuiora mones epigrammata, Corde...”: *Philologus* CXXIV (1980).

clássicas (*Erato, Clélia, Glauco, Eudoro, Fábio*, entre outros). Estabelece-se um diálogo entre o “eu” e o seu destinatário, umas vezes, feminino, outras vezes, masculino, ao mesmo tempo que o leitor se vê levado, de certa forma, a adoptar uma atitude cooperante, na medida em que também ele colabora, ainda que a nível de derradeira instância receptora da mensagem poética veiculada.

Não deixa de ser curioso verificar que, na maior parte das vezes, apesar de existir um destinatário formalmente expresso, a quem o poeta dirige a pergunta que lhe vai na alma, este não é mais do que uma voz muda, necessária à formulação de um falso diálogo. Isto mesmo acontece no poema intitulado *Praças Públicas*:

*Menos se lêem, Fábio, nas praças e nos foros
nossos versos que os deles; mas cuidas que Glauco é mais feliz?
Sem cessar inveja Eudoro, que também
lhe cobiça sem freio versos e efebos.
Nenhum de nós é feliz. Talvez Clélia, porque Erato a ama.
Mas dizê-lo é para mim o próprio inferno.*

Castro Mendes reconhece a sua propensão para a busca de um destinatário, mostrando-se ciente do benefício desta procura: “[os poemas] costumam ter um destinatário. Existe um apelo a alguém. Uma presença, uma ausência, um grito metafísico. O tu é uma forma de fugir ao nada. E ao mesmo tempo ele é o nada.”⁹.

Por vezes, a familiaridade colocada no trato com os seus múltiplos destinatários vê-se conseguida pela adopção de vocábulos de uso corrente na linguagem do dia-a-dia. Um dos aspectos relevantes na poesia de Marcial é também a utilização constante de termos do *sermo quotidianus* (1.3.7: *basia*; 1.41.13: *bucca...*), facto que em muito contribui para a vivacidade dos seus textos.

Particularmente interessante se mostra um outro aspecto discursivo: a expressividade do desabafo parentético, para a qual concorre a interjeição e a pontuação exclamativa. A exteriorização do sentimento é escutada pelo leitor/ouvinte, que se torna cúmplice do reagir emocional / intelectual do poeta. Como aspecto decorrente deste quadro discursivo, parece resultar um registo poético não isento de alguma parateatralidade. O poema seguinte é um bom exemplo do que acabámos de afirmar:

⁹ Vide <http://www.secrel.com.br/jpoesia/lfcmenendes.html>

Patrícios

*Luciano, mestre de elegância,
convida-nos a cear: não faltes, Glauco,
nem tu, Eudoro, ainda que nos não poupem
(ai de nós!) aos enfadonhos cantos de Clélia...
Pois as festas dos patrícios talvez nos tragam a fama
e certamente nos darão de comer. Pode o amanhã ser dos loucos de hoje,
mas quem irá por nós colher o fruto amargo
de cada dia?*

Se, no texto anterior, o poeta usa o apelo aos seus destinatários como suporte estruturador da crítica dirigida aos jantares e *soirées* entediantes que se vê obrigado a frequentar, noutros epigramas a crítica que se pretende veicular subjaz às perguntas deixadas no ar, tal como se observa no poema *Musas*:

*Desprezas, Erato, meus versos
e os afagos de Clélia lhes preferes:
mas se de Clélia versos só tiveres?*

Qualquer leitor familiarizado com a obra de Marcial reconhece os anteriores processos discursivos como característicos da revolução formal, em termos de técnica de construção epigramática, operada pelo poeta de BÍlbilis. Com efeito, Marcial desenvolveu de forma exímia “as técnicas de criação de um clima de cumplicidade com o leitor ou de sugestão do ambiente da coscuvilhice, introduzindo o diálogo, as perguntas a que dá logo resposta, a interpelação directa do visado ou o comentário com um amigo, qual piscar de olho entre quem muito bem se entende, sobre um ‘ele’ que é o alvo da crítica.”¹⁰

Para além da brevidade discursiva, dos diálogos propícios à censura de determinadas situações e procedimentos, um outro aspecto sobressai da poesia de Castro Mendes, resultante de uma manifesta influência de Marcial. Referimo-nos ao final inesperado de alguns epigramas. Remata-se o poema de forma absolutamente imprevista, por meio a defraudar as expectativas iniciais do leitor / ouvinte. Neste aspecto, o dístico que se segue revela-se exemplar:

Eruditos

*Dizem, Lucano, que teus versos são tão eruditos
que um escravo grego compraste que tos fez.*

¹⁰ Cristina Pimentel, *Epigramas. Marcial*. Vol. I (Lisboa 2000) 17-18.

Mais uma vez à semelhança do poeta de BÍlbilis, Castro Mendes explora a técnica do aguilhão¹¹ final, também designado *fulmen in clausula*¹². A frase declarativa que constitui o dístico e a oração consecutiva que o remata (*que um escravo grego compraste que tos fez*) conjugam-se de forma visivelmente engenhosa. A grande finalidade e a estratégia base do trabalho formal do poeta estão, pois, à vista: assegurar a expedição de uma mensagem repleta de ironia e sátira, através de uma aposta ganha na forma breve como se apresenta uma realidade absolutamente imprevista.

4. Temas em foco

Para que compreendamos, ainda que sumariamente, a influência directa de Marcial na poesia de Luís Filipe Castro Mendes, em termos de leque temático, importa recuar no tempo e descortinar, sobretudo, determinados aspectos da tradição epigramática helenística e pré-neroniana.

A generalidade dos estudos versados sobre o género epigramático certifica Marcial como o expoente máximo, em Roma, da longa tradição do epigrama grego e latino¹³. O que começou por ser uma mera inscrição sobre objectos, oferendas, sepulcros, monumentos ou edifícios públicos foi evoluindo para formas de poesia breve, cultivadas por autores como Safo, Alceu, Simónides, Anacreonte, Píndaro, Platão, entre muitos outros. Nos começos do século III a. C., autores como Calímaco, Leónidas de Tarento,

¹¹ Do lat. *aculeus*, ‘aguilhão, ponta, ferrão da abelha’.

¹² Relativamente a este aspecto, não podemos deixar de considerar a longa evolução que se foi operando na técnica de exploração do final dos epigramas, que culminou com a magistralidade da arte compositiva de Marcial. A precisão das palavras de A. RAMÍREZ DE VERGER, no § 3 da intr. a *Marcial. Epigramas*, vol. I, Biblioteca Clásica Gredos, (Madrid 1997) 39-40, mostra-se suficientemente esclarecedora: “Con Marcial el epigrama desarrolla más el elemento cómico-satírico y explota la tendencia al aguijón final o *fulmen in clausula*. Es verdad que el epigrama griego da época helenística presentaba una sutil agudeza y una agradable ironía y que en su evolución posterior se había acentuado la tendencia a concentrar la agudeza al final de la composición. Lucilio y Nearco, de época neroniana, habían puesto el acento en la fuerza cómica de los finales de sus epigramas. Marcial, aun siguiendo los procedimientos compositivos de estos poetas, cultiva un tipo de epigrama insertado en la tradición romana de la poesía agresiva y mordaz de un Catulo o del realismo de la pintura social de la sátira latina. (...) Pero donde Marcial despliega toda su maestría es en los finales del epigrama, donde resume las situaciones descritas en el cuerpo del epigrama, unas veces de una forma muy incisiva, otras veces a través de una hipérbole cómica y otras nos sorprende con un final imprevisto (*aprosdóketon*).”.

¹³ Remetemos, uma vez mais, para as referências bibliográficas indicadas na nota 8.

Asclepiades de Samos e Posidipo de Pela conferem ao epigrama a sua autonomia, enquanto género literário. A ampliação temática é, então, uma realidade: aos temas sepulcrais e dedicatórios juntam-se temas de natureza satírica, erótica e literária.

Como sabemos, os epigramas gregos que lograram chegar até nós encontram-se reunidos na denominada *Antologia Grega*. Marcial explora os diferentes tipos de epigrama nela contidos: epigramas votivos e dedicatórios, epigramas em forma de epitáfios, epigramas eróticos e pederásticos, epigramas epidícticos, centrados na homenagem ou vitupério de pessoas ou lugares, assim como na descrição de obras de arte, edifícios públicos e monumentos, epigramas com reflexões sobre a vida e a moral, epigramas conviviais e satíricos. Para além destes, também os *apophoreta* e os *xénia* (descrições de objectos ofertados) participam do *corpus* literário do poeta de BÍlbilis.

Marcial vê-se ainda herdeiro do epigrama cultivado por Catulo, que dele se serviu para atacar rudemente os seus inimigos, seguindo a tradição itálica de escárnio e invectiva¹⁴. Progressivamente, “El epigrama se convierte en un ejercicio frío y el realismo acaba con el lirismo, como ocurre con Marcial. Pero, por otra parte, el epigrama se convierte en un elemento de la vida social, en el que se recoge el refinamiento mundano o la vida de los cortesanos.”¹⁵. Decorrente deste contexto é, pois, a ascensão de um poeta que se propõe deixar um registo literário que lhe possibilite pintar a *Roma vivente*¹⁶ que sente como sua, com traços realistas, por vezes matizados com pormenores grotescos e caricaturais.

É neste quadro que tentaremos perscrutar a influência de Marcial, do ponto de vista dos temas em foco, nos epigramas com que Luís Filipe Castro Mendes o homenageia.

Dois temas assumem particular relevância: por um lado, aspectos atinentes à prática literária e, por outro lado, aspectos directamente relacionados com a vida mundana.

¹⁴ Aconselha-se a leitura de J. K. Newmann, “Catullus and Martial”: *Roman Catullus and the Modification of the Alexandrian Sensibility* (Hildesheim 1990) 75-103.

¹⁵ A. Ramírez de Verger, op. cit., 21.

¹⁶ Retirámos esta expressão do título do célebre artigo do investigador italiano U. Paoli, “Il poeta di Roma vivente”: *Avventure e segreti del mondo greco e romano* (Firenze 1956) 552-567.

Não foi ao acaso que enunciámos, em primeiro lugar, os aspectos relacionados com o acto de criação literária. De facto, um grande número de epigramas da “Homenagem a Marcial” versa sobre o assunto. Como teremos oportunidade de verificar, não raras vezes a abordagem do tema obriga, em simultâneo, à focagem mais ou menos intensa de toda uma série de realidades e vivências de natureza mundana.

O poeta mostra-se particularmente sensível ao desdém a que, por vezes, se condenam os poemas nascidos de improviso:

Poetas

*Os improvisos com desdém jogados
como se versos fossem, odeias, Glauco;
e os sibilinos cantos que nos cultos
de Dionísio se vertem como vinho
merecem-te sarcasmos. Mas à noite,
quando te despes e toda a luz nos morre,
que sílabas murmuras e me escondes?*

Eis as palavras de um poeta que não vacila face às críticas geradoras de eventuais desânimos; adopta, pelo contrário, uma postura confiante e determinada, a julgar pelo tom sentencioso da frase com que remata o epigrama seguinte:

Críticos

*Dizes-me, Eudoro, que envelheceste, que o poema
não basta para sustentar o sol nas tuas palavras,
que é tarde e que talvez para nós
tenha sido sempre tarde.*

*Não esperes que o meu aplauso agora
te sirva de álibi.*

Vários dados constantes do poema intitulado *Políticos* parecem estabelecer alguma correspondência com aspectos da biografia do autor. Tomemos em atenção o poema:

Políticos

*Incomoda-te que o pretor leia hoje os seus versos no Fórum?
És injusto, Fábio. Conheci bem o pretor: desde muito jovem
Amou e temeu a Poesia no segredo do seu coração.
Hoje deixou de temê-la: só a morte teme. Apenas isso, Fábio.*

Quem não vê, na referência à actividade literária do «pretor», uma alusão à figura do poeta-diplomata, que desde cedo abraçou o culto da palavra poética e que, a par do exercício das suas funções profissionais, apostou na dinamização de diversas actividades culturais? E quem não vê, no último verso, a constatação de uma verdade, fruto da sua progressiva aprendi-zagem da vida e do mundo? O poeta *só a morte teme*.

Uma outra questão merecedora de reflexão é a dos versos que ficarão para a posteridade, aqueles *monumenta*, que, pela mão do destino, pelo seu carácter singular, ou pelo muito engenho e arte do artista construtor, *escaparem à fúria dos guerreiros*:

Antologias

*Os poetas que Glauco odeia tu escolheste, Eudoro,
e não poupaste os versos fesceninos. Mas a posteridade
apenas lerá os poucos rolos que escaparem à fúria dos guerreiros:
assim os vindouros nunca saberão
qual de vós dois melhor servia as Musas.*

Sendo um poeta largamente familiarizado com os meandros da vida política e literária brasileira¹⁷, atento ao verso e reverso da realidade circundante, não se inibe de dar testemunho de maus sentimentos e atitudes reprováveis, tais como a inveja desenfreada e certos atrevimentos e abusos gerados no seio do poder. Os dois excertos seguintes, pertencentes, respectivamente, ao poema *Praças Públicas* e ao poema intitulado *Satíricos*, revelam-se eloquentes acerca desta matéria:

*Menos se lêem, Fábio, nas praças e nos foros
nossos versos que os deles; mas cuidas que Glauco é mais feliz?
Sem cessar inveja Eudoro, que também
lhe cobiça sem freio versos e efêbos.
(...)
O atrevido Paulo Fábio denuncia:
e ameaça rasgar os rolos de Glauco, os de Lucano
e até à amada de Erato estropiar os cantos.
Porquê tanto furor, deuses poderosos?
Eudoro sussurra-me em segredo: do filho de César Paulo
quer ser cliente. (...)*

¹⁷ Notemos que o livro de poesia *Os Dias Inventados* foi publicado em Portugal, estando o poeta Luís Filipe Castro Mendes a viver e a trabalhar como Cônsul-Geral, no Rio de Janeiro (Brasil).

A referência à prática de clientelismo, em estreita ligação com a intriga política, constitui, sem dúvida alguma, um aspecto marcante da sociedade actual em que vivemos. Assim não fosse, e termos ou expressões que lhe andam directamente associados como “clientela”, “patronato” ou “favorecimento político” não seriam tão recorrentes nos títulos da imprensa jornalística.

Mas a questão de fundo não é de agora. Em pleno século I da nossa era, ainda que num contexto sociopolítico substancialmente diferente, Marcial, inconformado com a sua situação de *cliens*, investe contra a prepotência e a mísera espórtula distribuída por certos patronos¹⁸.

Outro tipo de situação permite igualmente revelar a voz de um poeta crítico, mas sobretudo sensível às palavras de quem opina sem conhecimento profundo do seu próprio rol de vivências. O poema intitulado *Colectâneas* está na linha do que acabámos de afirmar.

Colectâneas

*Silvestre nos aponta com irrisão
por reunirmos, Fábio, nossos poemas
em grossos volumes.
Pois somos jovens, diz ele,
demasiados jovens para avaliarmos com seriedade
e nos pousarmos gravemente entre os bustos
da biblioteca.
Que sabe, porém, Silvestre
do que em verdade vivemos?*

Luís Filipe Castro Mendes povoa a sua poesia de pequenos pormenores literários, estratégia através da qual visa projectar diferentes reflexos do mundo social em que vive. Propositadamente, na sua “Homenagem a Marcial”, foge ao rigor isométrico, que caracteriza grande parte da sua obra poética, por forma a estabelecer um elo de ligação entre a métrica irregular dos seus epigramas e a irregularidade de algumas atitudes, comportamentos e situações em foco na sua poesia.

¹⁸ Com vista a uma melhor compreensão das relações de patronato e clientela, no período da Roma imperial, veja-se Richard Saller, *Personal Patronage Under the Early Empire* (Cambridge 1982). A obra em causa fornece uma ampla lista bibliográfica de diversos livros e outras publicações que nos ajudam a compreender as referências de um grande número de autores clássicos, entre os quais Marcial, à prática de relações de clientela.

A “Homenagem a Marcial” é, pois, o resultado de quem não se conforma com o que vê, de quem não se acomoda com determinadas situações críticas que, apesar de tudo, vigoram. É também o resultado de quem reconhece o carácter universal dos *Epigramas* do *unexpected classic*¹⁹ e o recupera da negritude do preconceito a que, em tempos, se viu votado.

Em suma, é o justo tributo de quem reverencia e legitimiza Marcial como fonte de inspiração para uma abordagem poética de diversos aspectos atinentes a meios literários, políticos e sociais dos nossos dias. E é também, em certa medida, fruto do olhar atento do poeta, que, confrontado com os *Epigramas*, reconhece e proclama o carácter imutável de certos desvios flagrantes do agir/reagir humanos.

¹⁹ Assim o designa J. P. Sullivan, no título da sua excelente monografia *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study* (Cambridge 1991).

* * * * *

Abstract: In this paper we intend to present an overall characterization of the literary work of L. F. Castro Mendes and analyse in detail the presence of Martial in his collection of poems entitled *Os Dias Inventados*. In fact, the poet from Bilbilis represents an outstanding influence on the poet, which can be tracked down both on the themes he handles and on his option for the epigram's formal model.

Keywords: Martial; epigram; irony; satire.

Resumen: En este artículo nos proponemos caracterizar en líneas generales la producción literaria de L. F. Castro Mendes y analizar en pormenor la presencia del poeta Marcial en su libro de poesía *Os Dias Inventados*. El poeta bilbilitano resulta ser, efectivamente, una influencia importante, a juzgar tanto por los temas tratados como por la nítida opción hacia el modelo formal del epigrama.

Palabras clave: Marcial; epigrama; ironía; sátira.

Résumé: Dans cet article, nous nous proposons de caractériser, dans la généralité, la production littéraire de L. F. Castro Mendes et d'analyser, de façon détaillée, la présence du poète Martial dans son livre de poésie *Os Dias Inventados*. Si nous rapprochons tout autant les thèmes traités que l'évidente préférence pour un modèle formel de l'épigramme, nous constatons que le poète de Bilbilis a, de fait, une influence prépondérante chez cet écrivain portugais.

Mots-clé: Martial; épigramme; ironie; satire.

Resumo: Propomo-nos, neste artigo, caracterizar, em linhas gerais, a produção literária de L. F. Castro Mendes e analisar a presença do epigramista Marcial no seu livro de poesia *Os Dias Inventados*. O poeta de Bîlbilis revela-se, efectivamente, uma influência marcante, a avaliar quer pelos temas tratados, quer pela opção clara pelo modelo formal do epigrama.

Palavras-chave: Marcial; L. F. Castro Menses; epigrama; crítica (literária, política e social).